

LITERATURA E ENGAJAMENTO NAS POESIAS PORTUGUESAS

Lucília Paula de Azevedo FERREIRA
Universidade Federal do Tocantins
luciliapaula@uft.edu.br
Dr^a Maria Perla Araújo MORAIS
Universidade Federal do Tocantins
perlamorais@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos analisar o movimento neorrealista que, com sua literatura engajada, buscava meios para denunciar, através da arte, o poder dominante e, assim, alertar o proletariado e camponeses da situação de alienação a que estavam expostos. Nesse sentido, iremos abordar as características dessa literatura que incorporava na linguagem certos recursos para se fazer a denúncia social. Para exemplificar o trabalho de linguagem da literatura neorrealista, iremos nos ater a algumas poesias de Joaquim Namorado, que é um dos mais ativos organizadores e impulsionadores do neorrealismo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; História; Neorrealismo; Joaquim Namorado; Denúncia social.

O contexto histórico que propiciou o movimento neorrealista português foi marcado pela censura imposta por dirigentes ligados à política fascista, que definiam o progresso de seus países dentro de uma ordem severa, ditada por um governo que centralizava todo poder de decisão em suas mãos. Diante desse modelo político, qualquer discurso contrário ou questionador poderia ocasionar em punições, pois tudo deveria seguir conforme o que determinava a política fascista.

Em Portugal, a ditadura de António de Oliveira Salazar, sucedida por Marcelo Caetano, dominou o país de 1933 a 1974. Foi um tempo marcado pelo autoritarismo, estagnação econômica, repressão política e brutalidade da polícia encarregada da segurança do Estado. Os portugueses viram-se atados a um governo fascista que fazia forte campanha pela oposição entre política e literatura. O salazarismo, inspirado no fascismo, instituiu o Estado Novo, com a constituição de 1933, tendo como aliada a Igreja Católica, com a qual se associou através de uma Concordata, o que ajudou a instituir-se a ideologia do regime. A igreja cooperou para difundir a ideia da não existência da luta de classes no país, pois se utilizava do discurso religioso para convencer o povo a se conformar com a situação em que vivia e, com isso, não se rebelar. Perante o apoio da igreja a essa estrutura de exploração da

classe mais baixa, havia um consenso dos diferentes interesses sociais. A repressão fascista de Salazar silenciou a sociedade portuguesa.

A literatura desse período, então, se alia a um projeto engajado de denunciar o poder dominante: “A literatura deveria contribuir para a conscientização do público-leitor e para caracterizar os problemas da estrutura política, econômica e social da sociedade portuguesa.” (ABDALA JUNIOR e PASCHOALIN, 1990, p. 157).

Segundo SARAIVA e LOPES, em *História da literatura portuguesa*, essa literatura tinha como característica básica e explícita apresentar um novo foco da realidade portuguesa, de certo modo análoga à da geração de 70, e citam que, como já Miguéis apontara em 1930, “critica o elitismo pedagógico proudhoniano-anteriano e dos democratas da *Seara Nova* dos anos 20, pois tem em vista a conscientização e dinamização de classes sociais mais amplas”. (SARAIVA e LOPES, 1998, p. 1032).

Impossibilitado, por motivos políticos, de usar o nome *Realismo Socialista*, esse movimento vai chamar-se Neorrealismo, por analogia e contraste com o Realismo, em seu tempo revolucionário, da Geração de 70. Conforme afirma a tese *Propostas literárias do Neo-Realismo português*: “Foi Joaquim Namorado, na revista *O Diabo*, que utilizou o termo Neo-realismo pela primeira vez, propondo a intervenção do homem na exploração e na luta contra a miséria humana.” (BUSTAMANTE, 2011, p.34).

O neorrealismo tem de início uma geração de escritores composta por intelectuais que desejavam propagar uma literatura humanista. Para isso, seus veículos principais eram pequenas revistas e jornais como *O Diabo*, *Sol Nascente* e *Vértice* e a publicação da coletânea *Novo Cancioneiro*.

O romance *Gaibéus*, de Alves Redol (1939), foi considerado o marco inicial, tendo como tese a ideia de que o poder econômico e social manipula os trabalhadores. Com isso, a proposta apresentada no romance era o desejo da transformação política, a igualdade que resultaria na transformação da sociedade agrária portuguesa.

No período de 1950-1960, tem-se um romance mais experimental e subjetivo, com publicações como *O trigo e o Joio* e *Domingo á tarde*, ambos de Fernando Namora.

Na década de 1960, há a intensificação da elaboração artística, com técnicas de vanguarda e experimentalismo poético. O romance torna-se mais dialógico e experimental, sob a influência do *nouveau roman* francês. Notamos isso em *O Delfim* (1968), de José Cardoso Pires e *Bolor*, de Augusto Abelaira. Neles há uma eficaz exploração da intersecção de planos narrativos.

Abdala Júnior e Aparecida Paschoalin chamam a atenção para o fato de que o neorrealismo, como abordagem da realidade, vai “adaptando-se, transformando-se e ganhando uma dimensão estética superior.” Alertam, nesse processo, “para o trabalho de linguagem desse período, pois o neorrealismo procura colocar-se como um movimento aberto para o futuro, incorporando qualquer nova técnica inovadora.” (ABDALA JÚNIOR e PASCHOALIN, 1990, p. 159). Ainda Michele Matter, em sua tese de doutorado, afirma que:

Toda arte é metamorfose, no sentido de que cada obra é sempre a transfiguração nova do real ou de uma experiência através da linguagem, e também no sentido de que só pode haver mudança a partir de uma obra consagrada, isto é, a partir da tradição acimentada. (MATTER, 2010, p.38).

Ana Carla Ferri cita que o neorrealismo português teve como características principais a solidariedade com o trabalhador sendo eles operários ou rurais, e a manifestação da vontade de intervenção transformadora. Ferri afirma que o desejo de transformação exigiu dos primeiros escritores neorrealistas uma “atitude de militância”, com o objetivo de “estruturar as bases ideológicas do movimento e de incuti-las no público leitor” (FERRI, 2008, p.20).

De acordo com Abdala Júnior e Aparecida Paschoalin, o neorrealismo desmontou o fenômeno da alienação, pois seus seguidores buscavam e desejavam que o público-leitor se conscientizasse a respeito dos problemas sociais. Afirmam os estudiosos:

O movimento neorrealista não é uma escola literária, mas um método de abordagem da realidade. É uma escrita dialética que procura representar a realidade em *movimento*; para tanto, também ela deve ser colocada em *processo*, dentro da dinâmica da comunicação artística. (ABDALA JÚNIOR e PASCHOALIN, 1990, p. 160).

Quanto ao trabalho com a linguagem com função social, SARAIVA e LOPES discorrem sobre a realidade literária, exemplificando a partir das temáticas abordadas pela ficção neorrealista em prosa:

A imagem que melhor traduz a realidade literária é sempre aliás a de uma rede particularmente apertada de intersecções e tangências de carreiras individuais. Assim, por exemplo, a ficção neo-realista em prosa constitui, em grande parte ainda, uma redescoberta da vida rural, ou de qualquer modo regional, mas encarada com uns olhos aos quais avulta a dinâmica social do salariado e, em contraste, a decadência, proletarização, ou quase, de certa pequena burguesia. Além do regionalismo, temas como o do paraíso da infância, o da frustração individual, em especial feminina, servem muitas vezes de base a desenvolvimentos tangenciais ao neo-realismo. (SARAIVA e LOPES, 1998, p. 1036).

O neorrealismo português, como arte de resistência ao regime ditatorial, se utilizou da literatura como função de denúncia, indo além do estado de contemplação da realidade. O escritor neorrealista porta-se como um intelectual atuante, que acreditava no poder de sua escrita como instrumento de intervenção social, política e histórica. Esta intervenção buscava afirmar um desejo de transformação. O neorrealismo almejava criar um real novo, a partir de uma transformação de essência ideológica e política: “(...) voltou-se para o proletariado, evidenciando as principais questões sociais e econômicas, através de uma linguagem que pudesse promover uma nova interpretação da realidade.” (BUSTAMANTE, 2011, p. 38). A literatura neorrealista também aspirou instruir o povo português quanto às questões sociais com o objetivo de livrá-lo da ignorância e da alienação imposta pelo regime.

Uma das características básicas do neorrealismo é a denúncia da alienação e, a partir do conceito de alienação, se pode aferir o que motiva os escritores neorrealistas a fazer literatura engajada:

Pelo conceito de alienação, temos o roubo ao indivíduo de características, atributos ou direitos que lhes são próprios. O indivíduo pode alienar-se a um outro em qualquer campo de atividade, desde o econômico ao político e à vida psicológica. (ABDALA JÚNIOR e PASCHOALIN, 1990, p. 161).

A literatura neorrealista foi um movimento contra as diferentes formas de alienação e injustiça social, com as quais o proletariado era levado a se conformar. Os escritores neorrealistas, não conformados com aquela situação de passividade da classe operária e com os trabalhadores rurais, queriam de alguma forma alertá-los daquela situação e os convocar a se rebelar, se desalienar e, para isso, através da literatura, tentaram conscientizar o povo. Eduardo Lourenço em seu livro *Sentido e forma da poesia neo-realista* fala acerca da poesia neorrealista:

[...] o grande tema dessa poesia, a sua obsessão permanente será afinal, sob vocabulário moderno e explícita intenção social, o tema romântico por excelência do conflito entre Sonho e o Real. Pouco importa que esse sonho apareça ao poeta como autêntico e concreto real, e o real como um mau sonho passageiro. A poesia neo-realista, com todo o seu optimismo de princípio contrariado pelos desmentidos quotidianos – e esta contradição lógica é a sua verdade poética – retoma a mais clássica das tradições líricas, e em particular a nossa, portuguesa, de canto de paraíso ausente, desencanto do purgatório presente, numa dialética e numa óptica próprias a cada um dos seus poetas. O destino epopeico, realista, para que tudo parecia encaminhá-lo, não se cumpriu e é ainda como lirismo que fundamentalmente a poesia neo-realista se traduz. (LOURENÇO, 2007, p.16).

Para exemplificar toda essa subversão literária, iremos nos ater às poesias *Caim*, *Segador* e *Prometeu*, todas de Joaquim Namorado, um dos mais ativos organizadores e impulsionadores do neorrealismo. Estudaremos o trabalho de linguagem que busca denunciar a situação de alienação.

Caim é um poema mais narrativo, mais perto da prosa, sem métrica, contendo versos brancos. A primeira estrofe trata de alguém que chegou em um lugar onde tudo já estava organizado, e o mundo já estava dividido por, supostamente, aquele que conquistou o poder. A esse homem recém-chegado foi-lhe mostrado como as coisas funcionavam naquele lugar:

Quando eu cheguei
 Já tinham sido descobertos os cinco continentes
 e o mundo estava dividido
 por direito de conquista;
 os homens falaram-me de Deus
 e das tantas virtudes teológicas,
 puseram as mãos sobre os meus ombros
 e chamaram-me: - Irmão! (NAMORADO apud LOURENÇO, 2007, p. 114).

No último verso dessa estrofe a palavra “irmão” se refere à história de Caim e Abel. Tem-se aí um movimento de acolhimento, chancelado pela figura de Deus do quinto verso. Mas o homem que chega aparece mais na condição de objeto que de sujeito de alguma história. Esse panorama inicial muda e, na estrofe seguinte, aparece a rejeição:

Bati todas as portas
 nenhuma porta se abriu,
 foi sempre a mesma resposta:
 -Não é aqui!
 Dormi nos portais
 -meus irmãos açularam os seus cães.
 Roubei o pão que me era devido
 e eles me apontaram: - Ladrão!
 Em nome de Deus pedi
 Justiça
 e eles gritavam:-Blasfemo!(NAMORADO apud LOURENÇO, 2007, p. 114).

Quando, entretanto, esse objeto entra em ação, ao procurar ajuda, provavelmente acreditando na retórica de acolhimento da estrofe anterior (“Bati todas as portas/nenhuma porta se abriu”), ninguém se dispõe a ajudá-lo, apenas a condená-lo. Aqui denuncia-se a exploração dos que são vistos apenas como objetos da história, os que esperam ser ordenados. Se procuram não ocupar esse lugar, são facilmente rechaçados pelo conservadorismo, representados nesses versos por duas instituições: o Estado (por isso chamam-lhe ladrão) e a Igreja (por isso blasfemo).

Na última estrofe, ao invés de se conformar com essa situação, o homem parte para luta:

Armas na mão disputei
o simples direito à vida,
amarraram meus pés com grilhões
e cuspiram no meu rosto: - Caim! (NAMORADO apud LOURENÇO, 2007, p. 114).

Ao lutar por um “simples direito à vida”, torna-se sujeito. Mas, de novo, é punido com grilhões ou, numa referência à própria figura de Jesus Cristo, em seu calvário, recebe no rosto o cuspe, símbolo máximo do repúdio. A referência a Caim é significativa, porque esse personagem no Antigo Testamento é aquele que vai contra Deus, aquele que não aceita passivamente as leis divinas, a ponto de se rebelar contra ela, quando mata seu irmão, Abel, por inveja¹.

Portanto, no início do poema, esse homem é acolhido, porque, em um mundo cheio de donos, prefere se encaixar na retórica de objeto. Torna-se Abel, porque não contesta, apenas aceita. Ao tentar não viver mais sendo explorado, é rejeitado e se transforma em Caim. Como Caim, encontra-se estigmatizado.

O poema *Segador*, de Joaquim Namorado, apresenta uma linguagem cheia de sentidos. Embora pareça ser uma chamada ao trabalho, quando a observamos atentamente, vemos uma convocação para a luta:

Aguça a sua foice!

Na terra
que o sangue
rega e aquece
a semente germina
e a seara cresce.

A seara está madura, segador,
aguça a tua foice! (NAMORADO apud LOURENÇO, 2007, p. 103).

Tem-se já no primeiro verso uma ordem: “Aguça a sua foice!”. Mas o instrumento de trabalho é visto como instrumento de luta no poema. Aliás, esse é o procedimento estruturante da poesia: utilizar palavras da área semântica da lida, explorando uma significação de luta. “Crescer”, “germinar”, “regar”, “aquecer”, ações próprias do trabalho, são metáforas da

1 José Saramago escreveu em 2009 um romance chamado *Caim* em que explora esse lado contestador da figura bíblica.

preparação da luta. O eu-lírico incita ao camponês a germinar com o seu sangue não só a semente do campo, mas a própria semente da luta. Convoca para uma ação que transformará essa vida opressora. Essa primeira estrofe é toda metafórica. Apresenta a mensagem de que da terra, onde muito se trabalha até perder as forças, é capaz de brotar alguma coisa que beneficie o trabalhador e não só o latifundiário.

Na última estrofe, avisa ao trabalhador que esta é a hora de procurar mudar, pois “A seara está madura/ aguça a tua foice!”. A “foice” será instrumento da libertação da condição do trabalhador. Essa imagem, ainda, faz alusão à bandeira do partido socialista, cuja ideologia muitos escritores acreditavam.

O poema *Prometeu* já mostra alguém que não quer mais continuar em uma vida de opressão e decide lutar por algo diferente, mesmo que o tentem calar. Todo o poema é símbolo de rebelião:

Abafai meus gritos com mordanças,
maior será a minha ânsia de gritá-los!

Amarrai meus pulsos com grilhões,
maior será a minha ânsia de quebrá-los!

Rasgai a minha carne!
Triturai meus ossos!

O meu sangue será minha bandeira
E meus ossos cimento duma outra humanidade. (NAMORADO apud LOURENÇO, 2007, p. 126).

Prometeu, na mitologia clássica, é o responsável por roubar o fogo dos deuses e ofertar aos homens. Como castigo, é condenado a ficar amarrado em um monte onde todo dia uma ave lhe come as entranhas, que se regeneram à noite. Com o fogo, os homens alcançaram progresso imenso, algo que os deuses não queriam. Em comum com essa figura mitológica, o eu-lírico do poema tem o ímpeto da audácia.

O sujeito poético destaca a sua própria resistência perante os maiores padecimentos físicos. Faz referência ao grito silenciado, à impossibilidade da luta por estar com as mãos atadas. As dores, o rasgo da carne lembram a figura mitológica; como essa figura, as forças se renovam, apesar das adversidades.

Em todo o poema, há a expressão da revolta de um indivíduo que não quer mais se sujeitar e, com essa certeza e força, enfrenta o inimigo no desejo de mudar sua situação. O poema segue com um discurso de que, quanto mais tentarem impedir o sujeito poético de reivindicar seus direitos, seja por violência ou até casos extremos de morte, ele não se

intimidar. Sua mensagem resistirá ao tempo. Mesmo após à morte, sua luta ficará registrada na terra pelo seu sangue que escorre ou seus ossos que resistem à passagem do tempo.

A “outra humanidade” a que faz referência na última estrofe diz respeito aos homens esclarecidos e descendentes da sua luta. Seria a humanidade iniciada por Prometeu: aquela que não viveria mais sob o jugo dos deuses.

Todo o trabalho de linguagem utilizado pelos escritores neorrealistas buscava uma intervenção mais eficaz da realidade, além de possibilitar novas propostas para uma vida melhor. Desse modo, o escritor neorrealista deveria agir como um militante que lutaria por uma sociedade mais justa. O neorrealismo não é determinista. Cabe ao homem, diante da situação opressora, lutar contra essa condição. O ganho efetivo da consciência lhe possibilitaria transformar o mundo e construir seu próprio destino.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. 3 ed. São Paulo, Ática, 1990.

BUSTAMANTE, Isabela Gomes. *A reinvenção do real na obra de Augusto Abelaira*. Tese de doutorado do Departamento de letras da PUC Rio. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/17934/17934_1.PDF. Acesso em: 04/11/2012.

FERRI, Ana Carla Pacheco Lourenço. *Uma história de pequenos heróis; uma leitura de O Trigo e o Joio, de Fernando Namora*. Dissertação de mestrado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.

LOURENÇO, Eduardo. *Sentido e forma da Poesia Neo-Realista*. Portugal, Gradiva, 2007.

MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. *A excursão neo-realista: o lugar do literário na tradição da utopia*. Tese de doutorado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ: Rio de Janeiro, 2010.

SARAIVA, A. J. e LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. Porto, Porto Editora, 1998.